

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Carvalho, Maria de Jesus Mendes de, 1962-

Belo, verdade e arquitetura

<http://hdl.handle.net/11067/7684>

<https://doi.org/10.34628/480d-m511>

Metadados

Data de Publicação	2024
Tipo	bookPart
Editora	Universidade Lusíada Editora
ISBN	978-898-640-249-2

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-01-22T10:37:00Z com informação proveniente do Repositório

Belo, verdade e arquitetura

Maria de Jesus Carvalho

DOI: <https://doi.org/10.34628/480d-m511>

Pensar sobre o belo implica revisitar a origem do termo, as suas definições e múltiplas reflexões, na perspectiva de vários filósofos pois apesar deste significado se ter reconfigurado, ao longo dos tempos, verificamos que as ideias se complementam ou se distanciam. No entanto, existem linhas de continuidade onde podemos identificar conceitos como verdade, ética, criação, subjetividade e universalidade, podendo reconhecer-se que estes estão presentes nas lógicas de pensamento dos arquitetos e conseqüentemente incorporados nas suas obras.

Thinking about the concept of beautiful implies revisiting the origin of the term, its definitions and multiple reflections, in the perspective of several philosophers because although this meaning has been reconfigured, over time, we see that ideas complement or distance each other. However, there are lines of continuity where we can identify concepts such as truth, ethics, creation, subjectivity and universality, and it can be recognized that these are present in the logics of thought of architects and consequently incorporated into their works

Se refletirmos sobre o conceito de belo, constatamos que o termo pode ser aplicado em vários contextos abrangendo desde seres vivos a objetos, no entanto, confirmamos que ele corresponde à perfeição, no contexto de cada género, sempre cumprindo determinados requisitos de equilíbrio ou harmonia.

Ao longo da história da filosofia, muitos pensadores refletiram sobre o conceito de belo, sendo que uns consideravam uma característica intrínseca de algo, enquanto, que outros acreditam na ideia de um juízo subjetivo de cada pessoa, enquadrado num determinado contexto.

Na realidade, para melhor se entender o conceito de belo será necessário revisitar alguns factos históricos sobre o tema. Este conceito grego - *kalokagathia*¹ significava belo e bom ou belo e virtuoso, pressupondo uma definição de normalização. Na antiga Atenas, por exemplo *kalos*² incluía conceitos como bondade, nobreza e beleza, e *agathos* era usado sem conotações físicas ou estéticas, narrando apenas a bravura de um indivíduo.

No século IV a.C., o conceito adquiriu novo significado pois implicava um dever de cidadania, paralelamente existem autores que interpretam *agathos* como um estado de satisfação pessoal que extrapolava a ideia do bem ou do bom.

Na realidade, se tentarmos associar belo a algo, comprovamos que se refere a um tipo imaginário definido pela prática ou reconhecendo-lhe elevadas qualidades intrínsecas. Esta problemática, foi abordada por Platão questionando o significado do belo e as suas supostas limitações, chegando mesmo a ironizar sobre a vulgarização do termo, no *Hípias Maior*, pois para ele o belo correspondia a uma soma de virtudes.

No entanto, foi o seu discípulo Aristóteles que associou o belo a algo superior, um projeto com sentido, ou seja, o esforço do espírito humano para alcançar a autêntica verdade. Para ele uma verdade, apenas, podia ser autenticada se o seu autor não a reproduzisse simplesmente pois era necessário que esta fosse validada, segundo um determinado saber próprio. Efetivamente, associava verdade à alta capacidade intelectual, reforçando a necessidade de a mente ser sustentada por uma determinada virtude, que ultrapassava o sentido da ética e se aproximava da excelência em todos os sentidos, incluindo o corporal, ou seja, a capacidade do homem viver de acordo com as suas potencialidades máximas.

Este sentido da maiêutica, de Sócrates, defendia que a verdade não se ensinava como a ligeireza de qualquer gesto vulgar, pois conhecê-la implicava um verdadeiro *parto de espírito* e seria forçoso encontrá-la no íntimo de cada indivíduo. Nesta perspetiva, a verdade definia-se pela sua universalidade não se devendo, portanto, confundir

1 *Καλοκαγαθία* deriva da expressão *kalos kai agathos*.

2 *Kalos* era o termo utilizado pela antiga aristocracia ateniense para se referir a si própria e fundamentou toda a antiga cultura grega.

com a relatividade e a inconstância das opiniões sobre uma qualquer realidade.

Podemos constatar, na Grécia Antiga, que o homem era considerado o modelo, o padrão de beleza e idealizado sem imperfeições, inspirando a arte como foi o caso da escultura. Policleto, na sua obra *Cânone*, ilustra as suas teorias sobre a proporção do corpo humano e realça que a beleza não está na simetria dos elementos, mas na adequada proporção entre as partes.

Efetivamente, ao abordar questões relacionadas com o conceito de belo, podemos comprovar a sua importância para a construção de sistemas socioculturais, nos quais a filosofia e a religião sempre se cruzaram, com vários tipos de ligações entre o profano e o sagrado. Para Santo Agostinho, a harmonia e a beleza marcavam a proporção e a ordem sendo por isso proclamadas como obra da criação divina.

Posteriormente, São Tomás de Aquino viria a reforçar esses ideais transcendentais de Deus relacionando o belo com o sentido de verdade. Efetivamente, desde o século XIII, que a verdade passou a ter uma correspondência ou adequação, nomeadamente a adequação entre a inteligência que a concebe, o espírito e a realidade, pois, as proposições eram verdadeiras se correspondiam aos factos. Esta definição comportava uma consequência importante: a verdade era, assim, uma propriedade da linguagem³ não do real pois o verdadeiro e o falso eram qualificativos que se aplicam não a algo, mas às preposições. Nesta perspectiva, a definição de verdade como correspondência não assegura a unanimidade, podendo opor-se a outras definições, nomeadamente, aquela que caracteriza a verdade em termos de coerência.

Na modernidade, Kant⁴ relaciona o belo com a conexão entre o sujeito e o objeto, sendo a representação do sujeito ao contemplar o objeto belo que exaltaria neste um determinado sentimento de prazer. Belo seria então algo que agradava universalmente, ou seja, a contemplação de algo belo deveria provocar um prazer desinteressado. O belo seria intrínseco e o conceito implicava uma lógica subjetiva.

3 Segundo esta conceção, uma teoria científica por exemplo diz-se verdadeira não por corresponder aos factos, mas pelas proposições que a constituem formarem um conjunto coerente, ou seja, por serem compatíveis entre elas.

4 Em *Crítica da Faculdade do Juízo* (1970), o autor aborda questões relacionadas com verdade e moral estética que transpõem os limites da comunidade académica.

Outra perspectiva, importante na definição histórica, é a postura de Hegel que associava o belo ao sensível e à verdade, considerava que as diferentes formas de arte, exprimiam momentos da consciência universal. Para ele a arte era a manifestação sensível da ideia, o lugar onde a ideia podia ser contemplada. Para este filósofo, o belo artístico era superior ao belo natural, pois a criatividade residia na arte. A transformação de algo natural em algo espiritual, permitia ao homem reconhecer-se enquanto espírito pois, neste caso, o belo artístico construía-se a partir da atividade humana.

Neste processo sobre o entendimento do belo, Adorno e Horkheimer⁵, em meados do século XX, apresentam a ideia das obras de arte enquanto produto comercial, implicando que o conceito perdesse o valor que lhe estava associado, a arte passou a ser associada ao consumo, à instrumentalização e à manipulação das consciências. Este fenómeno foi apelidado de Indústria Cultural, na qual o indivíduo perde a capacidade crítica e, nesta lógica, o belo perde a sua forma pura e universal para ganhar um novo formato, neste caso sem sentido ou significado.

Na contemporaneidade, o belo torna-se algo subjetivo, intimamente ligado à relação entre o sujeito que contempla e algo contemplado, no limite, será o sujeito que determina o grau de beleza.

Nesta perspectiva, quando se pretende relacionar o belo e arquitetura, temos de realçar as premissas de Le Corbusier, relativamente ao *Parthenon* de Fídias, obra erguida nos primórdios da humanidade, como o pináculo da criação do espírito pois “não existe nada de equivalente na arquitetura de toda a terra e de todos os tempos. É o momento mais agudo em que o homem, agitado pelos seus nobres pensamentos, cristalizou-os numa plástica de luz e sombra (...) Seu rigor supera nossos hábitos e as possibilidades normais do homem. Aqui se fixa o mais puro testemunho da fisiologia das sensações e da especulação matemática que se pode prender a elas, os sentidos nos prendem, o espírito nos encanta, tocamos o eixo da harmonia”.⁶

A partir deste raciocínio, na mesma obra, evidencia o trabalho do “arquiteto ordenando formas, realiza uma ordem que é pura criação do

5 A obra *Dialética do esclarecimento* (1947) aborda uma nova teoria crítica sobre as estruturas sociais.

6 LE CORBUSIER;1923, *Por uma Arquitetura*, Editora Perspetiva 6.ª edição, p.157

seu espírito; pelas formas, afeta intensamente os nossos sentidos, provocando emoções plásticas, pelas relações que cria, desperta em nós ressonâncias profundas, nos dá a medida de uma ordem que sentimos acordar com a ordem do mundo, determina movimentos diversos do nosso espírito e dos nossos sentimentos, sentimos então a beleza".⁷

Com efeito confirmamos que o belo e o verdadeiro, sempre despertaram um sentimento particular e um conjunto de ideias singulares, desde a antiguidade, refletindo a evolução das sociedades, sobre os quais a arquitetura procurou consciente ou inconscientemente incorporar em formas compostas por dialéticas, em que cada uma supera a anterior.

Se pensarmos em arquitetura constamos que as obras que sobreviveram ao tempo foram construídas com um sentido de belo e de bem de acordo com a sua natureza, ou seja, cumprem o objetivo esperado. O conceito de belo pressupõe então a definição prévia de uma norma pois o que está bem e foi bem executado, deu resposta a uma determinada expectativa.

Na atualidade, questionar o belo na arquitetura será, indiscutivelmente, uma tarefa bastante complexa ou mesmo impossível de classificar de forma consensual. Contudo será possível reconhecer nesta arte qualidades intrínsecas que derivam de vários conceitos associados ao belo como composição, proporção entre as partes, coerência, verdade, beleza da criatividade e até subjetividade da experiência do belo. Na realidade, existe uma premissa invariável pois arquitetura é manifestação sensível da ideia, ela constrói-se num lugar real, dando forma à arte a partir de uma poética própria.

Em suma, concordando com Le Corbusier "a arte é a poesia: a emoção dos sentidos, a alegria do espírito que mede e aprecia, o reconhecimento de um princípio axial que afeta o fundo do nosso ser. A arte é essa pura criação do espírito que nos mostra em certos pináculos, o pináculo das criações que o homem é capaz de atingir. E o homem experimenta uma grande felicidade ao sentir que cria."⁸

7 Idem, p.145.

8 Idem, p.157.